

Populações da Bahia: Genética e História

Eliane S. Azevêdo
Profa. Titular
Faculdade de Medicina
Universidade Federal da Bahia

A experiência de trabalho com a população do Estado da Bahia, nos convenceu que para interpretar sua composição genética, o enfoque *biológico* apenas não é suficiente. Para obterem-se respostas sobre muitos aspectos da dinâmica evolutiva dessa população, tornaram-se necessários conhecimentos de sua história e de sua cultura na tentativa de convergir o *biológico, o histórico e o cultural* a um denominador comum de interpretações.

Dentro dessa linha, planejamos o presente trabalho, o qual consta fundamentalmente do mapeamento racial do Estado da Bahia, desenvolvido com os seguintes objetivos:

- I. Estabelecer paralelos entre a distribuição de misturas nas populações atuais e a história das populações originárias;
- II. Avaliar a historicidade da miscigenação por região;
- III. Identificar redutos populacionais com altos percentuais negróides ou indígenas;
- IV. Estudar as frequências gênicas nesses redutos, estabelecendo comparações entre eles;

V. Obter uma visão histórica das forças sócio-culturais que modelaram a estrutura genética da população atual.

MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar os objetivos explícitos na seção anterior, tornou-se necessário desenvolver uma metodologia de trabalho que nos permitisse, nas limitações do método, observar a melhor aproximação possível da distribuição real das misturas raciais no Estado da Bahia. Optamos por trabalhar com amostras de escolares por reconhecê-las representativas da população geral e de fácil abordagem. Não obstante terem sido os diversos tipos de escola (estadual, municipal e particular) adequadamente representados na amostra, reconhecemos que possíveis grupos, cujas crianças não freqüentam escolas, ficaram sem representatividade no estudo. Todavia, considerando a abrangência atual da escolaridade de primeiro grau em zona urbana, concluímos que a possível fração não averiguada deveria ser muito pequena.

Iniciamos o trabalho desenvolvendo o que chamamos de primeira parte e que constou do estudo de dezesseis localidades situadas, quase em linha reta, no sentido leste-oeste através do Estado da Bahia, estendendo-se de Mata de São João (leste) a Barreiras (oeste). O critério para escolha das localidades foi puramente geográfico, mas a distância entre localidades ficou subjetivamente relacionada à densidade; maior a densidade de localidades, menor a distância entre localidades.

O número total de crianças freqüentando o primeiro grau era obtido na Delegacia Escolar da respectiva localidade. Escolas estaduais, municipais e particulares eram estudadas separadamente devido às conhecidas associações entre tipo de escola, nível sócio-econômico e raça. Vinte por cento das crianças de cada tipo de escola foi estudado para tipo de sobrenome e raça. Os sobrenomes foram grupados em três tipos: conotação religiosa, animal/planta e outros, conforme definições e critérios já descritos (Tavares-Neto e Azevêdo, 1977; Azevêdo, 1980). O grupo racial foi designado segundo a classificação proposta por Krieger et al. em 1965. Para evitar influências subjetivas, a classificação racial era feita antes de conhecermos o sobrenome da criança. Os resultados parciais da análise das dezesseis localidades (Azevêdo, 1980), demonstraram serem as localidades de Cachoeira e São Félix os prováveis centros de dispersão negra no Estado da Bahia. Esses resultados estão coerentes com a história do povoamento e colonização da Bahia (Abreu, 1930).

No presente trabalho, o estudo é ampliado de dezesseis para sessenta localidades distribuídas em todo o Estado da Bahia, considerando o centro de irradiação localizado em Cachoeira - São Félix e seguindo a direção das rodovias principais.

Para cada localidade foram calculados os seguintes parâmetros: Índice Fenotípico Negróide (IFN) (mulato médio + mulato escuro + preto/total); Índice Cultural Negróide (ICN) (freqüência de sobrenome de conotação

religiosa); Índice Cultural Indígena (ICI) (frequência de sobrenomes tipo animal/planta); distância, em quilômetros, de Cachoeira - São Félix.

Devido à grande amplitude de variação das distâncias (de zero a 600 km) usou-se, para fins de análise, transformação em raiz quadrada.

RESULTADOS

Foram estudados 29.755 escolares em 60 localidades. Considerando que na Bahia o sobrenome das meninas às vezes não seguem os padrões convencionais de transmissão do nome de família, (Tavares-Neto e Azevêdo, 1977) consideramos, para análise, apenas os sobrenomes dos 12.872 meninos da amostra. Quanto mais distante de Cachoeira - São Félix, menor é a mistura negra nas localidades ($r = 0,76$; $p < 0,0001$) e menor é a frequência de sobrenomes de conotação religiosa ($r = 0,39$; $p < 0,01$). Como era esperado, existe significativa associação entre os índices fenotípico negróide e cultural negróide ($r = 0,51$; $p < 0,0001$). O índice cultural indígena aumenta lentamente com a distância de Cachoeira - São Félix, porém o aumento não é significativo. As localidades de Valente, Irajuba e Riachão de Jacuípe apresentam os mais altos índices indígenas mas não estão situadas nas maiores distâncias. Excluindo-se essas três localidades da análise, a regressão torna-se significativa em função da distância ($r = 0,32$; $p < 0,05$).

Visando melhor ilustração, construímos um mapa do Estado da Bahia no qual as 60 localidades estão representadas pela sua característica racial predominante. Fig. 1. Para isso, dividimos a amplitude de variação de cada índice em três partes iguais, as quais denominamos de baixo (B), médio (M) e alto (A). A característica racial predominante em cada localidade foi definida pela combinação desses níveis para os três tipos de índice, do seguinte modo: a) a presença de um índice negróide alto, quer fenotípico ou cultural, foi considerada suficiente para caracterizar a localidade como predominantemente preta; b) IFN médio associado a ICN médio ou baixo, e a ICI também médio ou baixo, caracteriza a localidade como predominantemente miscigenada; c) todas as localidades de ICI alto, e aquelas de ICI médio, porém com ICN e IFN baixos, foram caracterizadas como predominantemente indígenas; d) as demais, isso é, localidades com baixo IFN e baixo ou médio ICN e ICI foram caracterizadas como predominantemente brancas. Os resultados revelaram 16 localidades predominantemente pretas (São Félix, Cachoeira, Muritiba, Santo Amaro, São Gonçalo, Cruz das Almas, São Sebastião do Passé, Coração de Maria, Castro Alves, Santo Antonio de Jesus, Mata de São João, Laje, Teolândia, Gandu, Itajuípe e Lençóis); 16 miscigenadas (Gov. Mangabeira, Conceição do Jacuípe, Santo Estevão, Tanquinho, Alagoinhas, Inhambupe, Itaberaba, Olindina, Cipó, Boa Vista do Tupim, Ubaitaba, Ibiquera, Buerarema, Palmeiras, Camacã, Itagimirim); 9 índias (Ipirá, Riachão de Jacuípe, Valente, Irajuba, Mundo Novo, Miguel Calmon, Poções, Senhor do Bonfim e Itambé); 19 brancas (Milagres, Nova Itarana, Baixa Grande, Santa Luz, Itiruçu, Lafaiete

Coutinho, Serrolândia, Queimadas, Ribeira do Pombal, Manoel Vitorino, Cícero Dantas, Itiuba, Morro do Chapéu, Jaguararim, Irecê, Juazeiro, Xique-Xique, Ibotirama e Barreiras).

COMENTÁRIOS

De um modo geral, as populações que na época do descobrimento habitavam a região que hoje corresponde ao Estado da Bahia, eram bastante heterogêneas do ponto de vista lingüístico, porém relativamente semelhante em condições, costumes, ritos e níveis culturais (Santos, 1948). Com o domínio dos portugueses, o índio resistiu bravamente à escravidão mas não ao cruzamento com o colonizador. Existem, inclusive, referências a negociações de estímulo ao cruzamento com o branco, tais como troca de mulheres índias por utensílios e ferramentas (Prado, 1935). Todavia, a resistência ao trabalho forçado e a noção de poder sobre suas terras, custaram aos índios muitas lutas e perdas, das quais resultou sua expulsão do litoral da Bahia para o interior. Existem relatos que Mem de Sá, certa feita, destruiu mais de trezentas aldeias no recôncavo baiano (Santos, 1948). A guerra de destruição ao índio é denominador comum na história da ocupação do recôncavo, da qual resultou o despovoamento de nativos dessa região (Santos, 1948). Desse modo, o quadro geográfico geral sobre o qual começaram a se formar as populações baianas é caracterizado pelo recuo dos índios para o interior, deixando o litoral, principalmente o recôncavo, despovoado de seus primitivos habitantes.

Todavia, com o avanço da colonização, a guerra de destruição ao índio não ficou restrita ao litoral. Os bandeirantes abriram caminho à colonização do interior, destruindo tribos e aprisionando índios. A Fig. 2, mostra as direções das principais entradas que nos séculos XVI e XVII iniciaram o povoamento do interior da Bahia.

Posteriormente, os caminhos antigos foram-se povoando lentamente e as malhas do povoamento na Bahia apertaram-se mais rapidamente que em qualquer outra parte (Abreu, 1930). Aos poucos, a criação de gado espalhava-se por quase todo o sertão, e aqueles índios apaziguados adaptavam-se bem aos serviços pastoris. Do cruzamento de índio e branco e das atividades pecuárias surgiu no sertão a figura sócio-antropológica do vaqueiro, caracterizada não apenas pela cor de sua pele, mas também pelo seu traje típico (Diegues Jr., 1977). Ainda hoje, é conhecimento popular na Bahia, a não existência de vaqueiros pretos, tal a força da tradição mameluca na origem desses profissionais.

Esses fatos completam o quadro histórico geográfico das populações indígenas na Bahia: expulsos os índios do litoral, principalmente do recôncavo para o interior; guerreados e combatidos no interior, fixaram-se, os sobreviventes, nas regiões pastoris onde o cruzamento com o branco surgiram os mamelucos típicos do sertão.

Desse modo, a distribuição geográfica dos níveis do ICI observada no presente trabalho, é explicada por fatos históricos que, há aproximadamen-

te quatro séculos, ocorreram na população indígena, da qual se originou a população atual. Não obstante as migrações internas, o que hoje se observa ainda permite estabelecer um paralelismo muito forte com a história colonial.

Em relação ao elemento negro, sabe-se que pouco depois do descobrimento começaram a chegar os primeiros negros africanos. Calcula-se que durante três séculos a Bahia absorveu um terço do total de escravos que chegou ao Brasil (Bergmann, 1977). O principal porto de entrada era Salvador, cuja comunicação com os engenhos do recôncavo era extremamente facilitada pela Bahia de Todos os Santos e pelos rios que nela desembocam. Desse modo, o transporte por água teve papel relevante na distribuição da população escrava no recôncavo baiano. Cronistas do século XVI ressaltam a importância da Bahia de Todos os Santos no povoamento, dizendo que pelos seus rios navegava-se até "quinze léguas terra a dentro" e, não apenas todos os engenhos tinham pelo menos quatro embarcações, mas também todas as fazendas se comunicavam, por água, com Salvador (Bruno, 1967).

Inicialmente, a demanda de escravos estava relacionada ao crescimento da indústria do açúcar e das plantações de fumo, ambas situadas na zona do recôncavo. No fim do século XVI, existiam 36 engenhos na Bahia (Peixoto, 1947); em cem anos esse número passou para 150 e em 1875 o número de engenhos era 890 (Pang, 1979). A expansão do cultivo do fumo é mais difícil de avaliar quantitativamente. Todavia, pelo fato da Bahia produzir, em grande escala, tabaco de terceira qualidade, o qual só era aceito na África, a coroa portuguesa autorizou, em 1644, exclusivamente para a Bahia, a permissão de fazer viagens diretamente para a África, levando tabaco e trazendo escravos (Verger, 1976). Para os demais portos do Brasil, a coroa manteve obrigatório o tradicional comércio triangular: Brasil, Portugal, África, Brasil. Desse modo, a chegada de escravos à Bahia e o aumento da produção de tabaco para consumo na África tornaram-se muruamente colaborativos.

Ainda que a população escrava na Bahia ficasse concentrada na zona do recôncavo, dois fatos fizeram com que alguns grupos de negros chegassem ao interior do Estado: primeiro, a formação de quilombos e segundo, a descoberta de minas. Desde o século XVI existem referências a quilombos na Bahia (Goulart, 1972). Por todo o Estado, do litoral ao São Francisco, e em pleno sertão, proliferavam os quilombos. No dizer de alguns historiadores, o mapa da Província estava todo respingado de quilombos (Moura, 1972), embora muitos fossem pequenos e de pouca duração (Bergmann, 1977). Atualmente, não se tem notícias de comunidades negras isoladas vivendo no interior do Estado. Por isso, admite-se que as populações quilombadas tivessem sido absorvidas no crescimento da população geral.

No princípio do século XVIII, descobriram-se minas de ouro na Bahia (Calógeras, 1972). Esse fato acarretou profundas mudanças na distribuição das populações da época. Grandes contingentes de escravos foram levados para as regiões das jazidas. Curiosamente, Milton Santos (1948) relata que

o século das minerações coincidiu com a chegada dos escravos sudaneses e "indo todos esses para o interior onde devido às suas inclinações, prestavam-se excelentemente às ocupações a que se destinavam".

Em resumo, o quadro geral da distribuição da população de escravos na Bahia é quase o inverso daquela relatada para os índios. O recôncavo, despovoado de índios, foi a região de grande concentração de escravos por causa da indústria açucareira e do cultivo de tabaco. No interior, nas zonas de mineração, houve relativa concentração de escravos, uma vez que os índios não se prestavam ao tipo de serviços das minas. Finalmente, nas demais regiões, existiam não apenas inúmeros quilombos de tamanho dos mais diversos, mas também grupos de índios isolados ou absorvidos nas atividades pastoris.

Também em relação aos negros, os resultados obtidos com o mapeamento demonstram que quer pelo índice fenotípico, quer pelo índice cultural, existe estreito paralelismo entre as distribuições atuais e a história dos escravos. A entrada leste-oeste do presente trabalho foi o antigo caminho para a Chapada Diamantina, onde a cidade de Lençóis nasceu e tornou-se o grande centro aurífero do século XVIII. Hoje, Lençóis, situada na região do centro do Estado, é a única localidade das 60 estudadas que apresenta índices negróides tão elevados quanto aqueles das localidades situadas no recôncavo. Sem dúvida que Lençóis tornou-se um reduto negróide isolado dos demais negros do recôncavo. E, se a informação histórica da ida preferencial de escravos sudaneses para essa região é correta, o estudo de frequências gênicas em Lençóis torna-se de considerável importância. Durante o século XVIII e até 1830 chegaram à Bahia 840.000 escravos, dos quais 480.000 (57%) eram sudaneses (Viana, 1976). De um modo geral, a designação de sudaneses e de vindos do norte do equador, se equivalem. Essa equivalência é justificada, pois o próprio Hiernaux em seu livro "People of Africa" refere-se ao Sudão Ocidental como a região que se estende do Atlântico ao vale do Nilo, limitando-se ao norte com o Saara e ao sul com as florestas. A região é vasta e compreende várias tribos. Algumas delas foram estudadas para polimorfismos genéticos. As diferenças de frequências entre tribos é marcante para certos alelos, enquanto que dentro da própria tribo existem, às vezes, achados curiosos, como é o caso da tribo Bedik na qual existe alta frequência de Hb S e ausência de Hb C e de deficiência de G6PD (Hiernaux, 1975). Considerando que os negros de Lençóis permaneceram na Bahia em isolamento geográfico, o conhecimento sobre suas frequências gênicas poderá permitir inferências sobre as tribos africanas das quais vieram.

Para concluir, gostaríamos de, numa visão geral, ressaltar as relações de conhecimento entre genética e história.

De duas maneiras a história e a genética apresentam-se como disciplinas complementares. Primeiro, quando os fatos históricos não têm registro, isto é, são pré-históricos, a genética aparece como disciplina da maior importância para evidenciar o passado distante. Por exemplo, as origens da populações que povoaram o continente americano são apenas

inferenciais do ponto de vista de fato histórico, mas evidenciadas através estudos de genética. Não apenas aí, mas a própria teoria da evolução das espécies, que em essência é uma interpretação histórica da vida, tem suas melhores evidências em dados de genética. Assim, para fatos pré-históricos a genética é muitas vezes a disciplina auxiliar indispensável na revelação dos mesmos.

Por outro lado, a interpretação de muitos dados obtidos hoje em genética dependem, sobretudo, do auxílio da história dos fatos a eles relacionados. A interpretação histórica de dados genéticos é uma necessidade em qualquer estudo de genética de populações humanas. No caso específico das populações do nordeste, conhecimentos de genética e de história são complementares das duas maneiras descritas; pois não apenas a origem dos aborígenes é pré-histórica, mas a própria origem dos negros é quase sem registros, embora de ocorrência recente. Da interpretação conjunta de evidências históricas remanescentes e de dados genéticos recentes, é possível que se reconstitua a evolução dessa população desde suas origens.

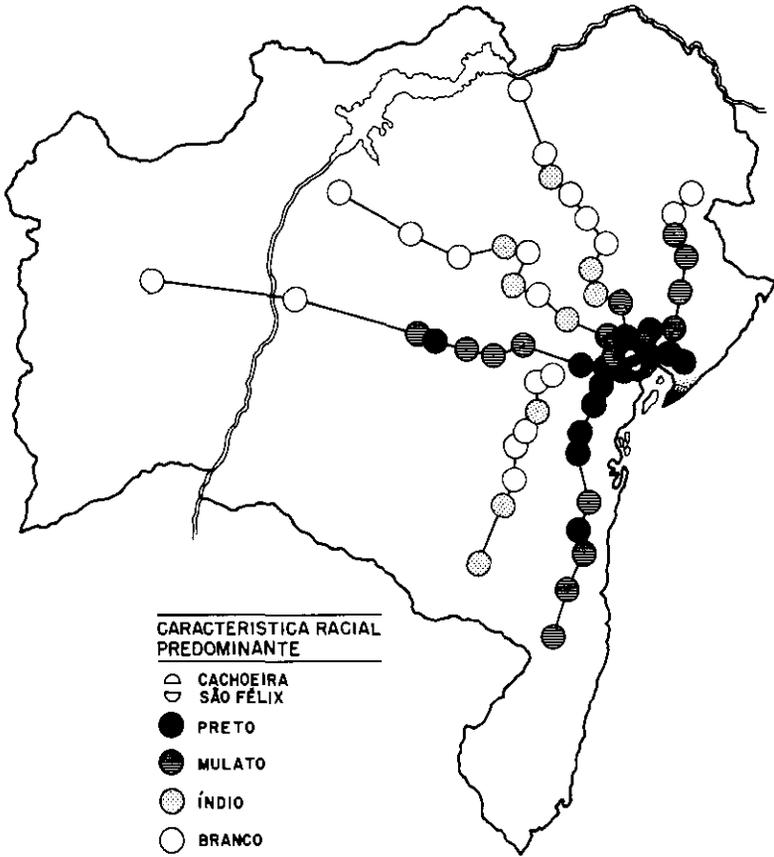


Fig. 1 - Características raciais predominantes em sessenta localidades do Estado da Bahia, estimadas através do índice fenotípico negróide, índice cultural negróide e índice cultural indígena.

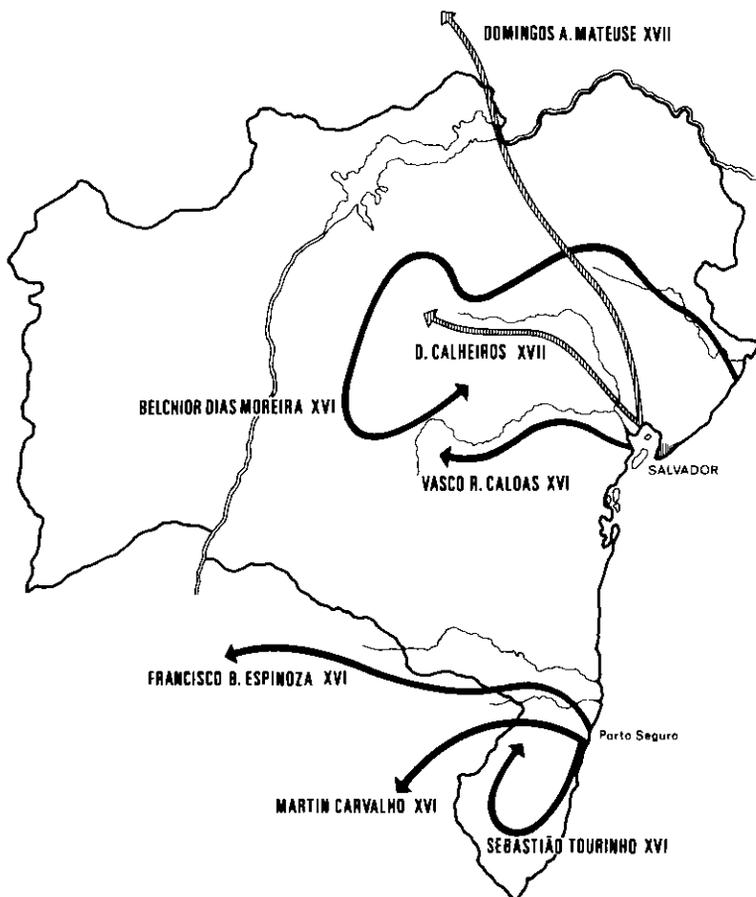


Fig. 2 - Direções e épocas das principais entradas colonizadoras do Estado da Bahia (adaptado da 7ª edição do Atlas Histórico Escolar, publicação do MEC/FENAME, 1977).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, J. Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.
- AZEVEDO, E.S. Anthropological and cultural meaning of family names in Bahia, Brazil. *Curr. Anthropol.*, Chicago, 21: 360-3, 1980.
- BERGMANN, M. *Nasce um povo*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- BRUNO, E. S. *História do Brasil, geral e regional*. São Paulo, Cultrix, 1967. v. 3 - Bahia.
- CALÓGERAS, J. P. *Formação histórica do Brasil*. 7 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.
- DIEGUES JR., M. *Etnias e culturas no Brasil*. 6 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- GOULART, J. A. *Da fuga ao suicídio*. Rio de Janeiro, Ed. Conquista; INL, 1972.
- HIERNAUX, J. *The people of Africa*. New York, Charles Scribner, 1975.
- KRIEGER, H.; MORTON, N.E.; MI, M.P.; AZEVEDO, E.S.; FREIRE-MAIA, A.; YASUDA, N. Racial admixture in Northeastern Brazil. *Ann. Human Genet.*, London, 29:113-25, 1965.
- MOURA, C. *Rebeliões da senzala*. Rio de Janeiro, Ed. Conquista; INL, 1972.
- PANG, E.S. *O Engenho Central do Bom Jardim na economia baiana*. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico, 1979.
- PEIXOTO, A. *Livro de horas*. Rio de Janeiro, Agir, 1947.
- PRADO, J.F.A. *Primeiros povoadores do Brasil, 1500-1530*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.
- SANTOS, M. A. *O povoamento da Bahia*. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1948.
- TAVARES NETO, J. & AZEVEDO, E.S. Racial origin and historical aspects of family names in Bahia, Brazil. *Human Biol.*, Detroit, 49: 287-99, 1977.
- VERGER, P. *Trade relations between the Bight of Benin and Bahia from 17th. to 19th. centuries*. Ibadan, Ibadan University Press, 1976.
- VIANNA FILHO, L. *O negro na Bahia*. 2 ed. São Paulo, Martins, 1976.

SUMMARY

The cultural characteristics of family names in Bahia are analyzed in parallel with the anthropogenetic constitution of the population. Six racial subgroups have been identified as resulting from the secular process of tri-racial mixture, and the types of surnames are grouped in accordance with their meanings in the following way: surnames of religious connotation,

surnames of animal/plant reference, and "others". The results confirm the association between surnames of religious connotation and Negro ancestors ($X^2 = 120,61$; $P < 0,0001$), while surnames of animal/plant reference are more frequent among people with phenotypic Indian characteristics ($X^2 = 20,90$; $p < 0,0005$). The rest, "others", by way of exclusion, were analyzed in parallel with the mixture of Whites revealing significant adherence ($X^2 = 42,42$; $p = < 0,0001$). Moreover, within each racial subgroup, the proportion of genes of African, Indian, and White origin reveals similarities which are consistent with the proportion of surnames of religious connotation, animal/plant reference, and "others", respectively. The conclusion reached is that surnames are cultural variables associated to race, and that from their anthropogenetic study it is possible to reconstruct the evolutionary history of a population.

RÉSUMÉ

Les caractéristiques culturelles des noms de famille de Bahia sont analysées en parallèle avec la constitution anthropogénétique de la population. Six sous-groupes raciaux sont identifiés comme résultant du processus séculaire de mélange tri-racial, et les types de noms patronymiques sont groupés de la manière suivante, selon leur signification: noms de connotation religieuse, nom d'animal/plante et "autres" noms. Les résultats confirment l'association entre noms de connotation religieuse et ancêtres noirs ($x^2 = 120,61$; $p < 0,0001$), alors que les noms d'animal/plante sont plus fréquents chez les personnes qui ont des caractéristiques phénotypiques d'indien ($x^2 = 20,90$; $p < 0,0005$). Les "autres" noms, par exclusion, ont été analysés en parallèle avec le mélange de blancs, révélant une adhérence significative ($x^2 = 42,42$; $p < 0,0001$). De plus, à l'intérieur de chaque sous-groupe racial, la proportion de gènes d'origine africaine, indienne ou blanche révèle des ressemblances notables avec la proportion de noms de connotation religieuse, animal/plante et "autres", respectivement. On en conclut que les noms sont des variables culturelles associées à la race, et que de leur étude anthropogénétique et culturelle il est possible de reconstruire l'histoire évolutive d'une population.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho também tem a sua história: primeiro a idéia, desde... nem lembro quando; segundo, o desafio da execução durante três anos, aproximadamente. Sem a colaboração de um razoável número de pessoas e a boa vontade de outras tantas a idéia teria morrido como muitas outras... só como idéia. Por justiça, deve ficar bem claro, que sem a colaboração das seguintes pessoas esse trabalho não teria sido produzido: *Cristina Maria Mascarenhas Fortuna, Kátia Maria Costa Silva, Maria das Graças de Freitas Sousa, Maria Auxiliadora Machado, Angela Maria Vita Muniz Dias Lima, Aloísio Lisboa Mota, Maria Edesina Aguiar, Kiyoko Abé, Maria Conceição Menezes Neiva Eulálio, Maria Mendes Conceição, Maria Christina Bahiana Olympio da Silva, Maria das Graças Santos, Rosemary Duarte Sales Carvalho, Maria Edmar Torres Silva, Emanuel Felix e Wigberto Cunha Azevedo.*

Além delas, temos uma gratidão especial ao Prof. *Thales de Azevedo* pelos seus comentários e leitura ao manuscrito. Finalmente, também ao CNPQ e à OEA reconhecemos o significado da ajuda financeira ao projeto.